

## **ERIC DARDEL E A PAISAGEM: Filosofia fenomenológica, a paisagem e o legado de seu pensamento**

### **ERIC DARDEL AND THE LANDSCAPE: Phenomenological philosophy, the landscape and the legacy of his thought**

Fernando Barotti<sup>1</sup>

**RESUMO:** Propõe-se a compreender o pensamento dardeliano sobre a paisagem e seu desdobramento na fenomenologia paisagística, questionando se há alguma contribuição do pensamento filosófico da paisagem de Eric Dardal. Logo, esse artigo retoma a base da filosofia da paisagem de Dardel, sob os marcos teórico da pesquisa Holzer e Marandola Jr., para analisarem a influência de filósofos como Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, enquanto atores da fenomenologia e os desdobramentos do pensamento dardeliano, a fim de discutir o papel da fenomenologia em sua construção teórica paisagística de outros autores e em outras propostas filosóficas. Utiliza-se pesquisa bibliográfica, método dedutivo e perspectiva qualitativa, com proposta explicativa e descritiva mediante uso de bibliografias, sob abordagem interdisciplinar baseada principalmente nas áreas filosóficas e geográficas. Reconhece-se a importância do seu pensamento sobre o tema da paisagem e a sua influência em outros estudiosos.

**Palavras-chave:** Eric Dardel; Filosofia da Paisagem; Fenomenologia; Geograficidade.

**ABSTRACT:** It proposes to understand the Dardelian thought on landscape and its unfolding in landscape phenomenology, questioning whether there is any contribution from Eric Dardal's philosophical thought of landscape. Therefore, this article resumes the basis of Dardel's philosophy of landscape, under the theoretical frameworks of Holzer and Marandola Jr. research, to analyze the influence of philosophers such as Martin Heidegger and Maurice Merleau-Ponty, as actors of phenomenology and the unfolding of thought Dardelian, to discuss the role of phenomenology in his landscape theoretical construction by other authors and in other philosophical proposals. Bibliographic research, deductive method and qualitative perspective are used, with an explanatory and descriptive proposal using bibliographies, under an interdisciplinary approach based mainly on philosophical and geographical areas. The importance of his thinking about landscape and its influence on other scholars is recognized.

**Keywords:** Eric Dardel; Landscape Philosophy; Phenomenology; Geographicity.

## **INTRODUÇÃO**

A paisagem é o resultado da percepção dos seres humanos com mundo, é a transfiguração de um conjunto de elementos disposto no espaço que adquirem personificação, sentimento e afetuosidade. A inserção da impressão e experiência humana

---

<sup>1</sup> Doutorando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela Escola Superior Dom Helder Câmara (ESDHC). Graduado em Direito pela Escola Superior Dom Helder Câmara (ESDHC). Professor Assistente da PUC-Minas. Pesquisador nas áreas de Filosofia do Direito, Hermenêutica, Direito e Memória, Patrimônio Cultural, Paisagem, Direito e Sociedade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1558-5550> E-mail: fernando\_barotti@hotmail.com

nesse lugar promove o reconhecimento, pertencimento e vínculo. Esse capítulo tem como objetivo demonstrar a importância do estudo da paisagem com as diversas áreas de conhecimento e a contribuição dela para a sociedade. A relação cultural com o ambiente passa a ser identificada e estudada pela Geografia, essa ciência propõe a visão morfológica do espalho, humanística e das interrelações promovidas com a sociedade. Outras áreas científicas também contribuem com o estudo entre indivíduos e o seu entorno, desde a filosofia, a etnografia, a psicologia, alcançando até o direito, verifica-se a interconexão com essa geografia, que elabora uma visão humanística da espacialização, com interpretações interdisciplinares acerca dos objetos de estudos dessa ciência, sobretudo do espaço da paisagem. O estudo da paisagem e a interdisciplinaridade que ela agrega despertou interesse de especialistas, em particular Éric Dardel (1988-1967), geógrafo e historiador francês nascido em Montagrís, filho de pai suíço e mãe alemã. Possivelmente a nacionalidade dos pais, assim como, o meio social e acadêmico em que viveu inspiraram a leitura e o contato com autores dentro e fora da França, sofrendo uma influência heterogênea na composição e fundamentação de sua ideia da Geografia e de paisagem.

Assim, esse capítulo debruça-se sobre a filosofia dardeliana da paisagem, sua importância para o estudo do tema e a contribuição desse autor para a geografia humana e áreas afins. A pesquisa se desenvolve em três abordagens, a primeira é a descrição do pensamento de autor sobre a paisagem; a segunda é o estudo sobre a importância da filosofia fenomenológica em Dardel principalmente a partir de Martin Heidegger (1889-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961); e por fim o desdobramento da paisagem dardeliana numa concepção de alteridade, reconhecimento e simbolismo com a *geograficidade* (termo que representa a relação humana com o espaço) da paisagem, mostrando relevância nos estudos da paisagem de Dardel. Utiliza-se pesquisa bibliográfica, com método dedutivo e perspectiva qualitativa, com proposta explicativa e descritiva mediante uso de bibliografias, sob abordagem interdisciplinar e dialética, baseada principalmente nas áreas filosóficas e geográficas. Apontando que a impressão de Dardel para a filosofia da paisagem sob os conceitos da fenomenologia, são necessários, pois renovam a perspectiva ontológica da paisagem e, como consequências renova essa inteiração da paisagem e o sujeito observador, nos estudos contemporâneos.

## **GEOGRAFIA HUMANISTA E A FENOMENOLOGIA DA PAISAGEM EM ERIC DARDEL**

Éric Dardel pode ser considerado um pesquisador de vanguarda, seu trabalho sobre a geografia humanista sob intercessões historiográfica concebeu elementos subjetivos, sensoriais e cognitivos na relação humana com o espaço, deslocando-se da concepção clássica da geografia, de um estudo positivo científico e racional do ambiente. O autor foi esquecido pela ciência geográfica, sendo a sua obra redescoberta, revisitada e estudada por pesquisadores que pretendem compreender sua importância nas ciências. Dardel “[...] busca legitimar uma Geografia literária poética, que significa travar uma batalha contra a Geografia cientificista” (DAL GALLO; MARANDOLA JUNIOR, 2015, p. 179). Sua teoria é permeada de influências como a teologia, a história, o pós-estruturalismo, até pelas correntes filosóficas da fenomenologia ontológica e existencial, figuradas essas últimas, de forma mais presente em seu pensamento (HOLZER, 2015).

Intérprete da relação entre humanos e espaço, o geógrafo buscou novas abordagens e compreensões para a geociência na sua época, inserindo como intermediário entre sujeito e ambiente a subjetividade humana (MARANDOLA JUNIOR, 2015). Atualmente sua compreensão sobre a geografia humana presta reflexões para outras áreas, à filosofia, à arquitetura, o urbanismo, artes e psicologia, a geografia, elas discutem e redimensionam o diálogo sobre o tema. A pluralidade das ciências presente na abordagem dardeliana encontra-se na figura metafórica de um prisma, em que cada face representa a interpretação de uma ciência sobre o espaço e o sujeito, logo, quem o observa não deve se satisfazer com um único lado, todos eles devem ser desvelados e interpretado em conjunto para a compressão mais completa do objeto. Assim:

A singularidade da obra de Dardel não envolve apenas a maneira como a geografia pode ser entendida ou como é possível pensar a sua história para além das instituições, mas envolve também uma nova proposição de ciência. Uma ciência que compreende a relação do homem com a terra, antes de tentar explicá-la, conceituá-la ou mesmo mensurá-la. Esta ciência compreende o cientista, antes de qualquer coisa, como um homem que se posta diante daquilo que o cerca, sendo aquele que existe, se relaciona e vivência antes de qualquer possibilidade de conhecer ou de conhecimento científico. (DAL GALLO; MARANDOLA JUNIOR, 2015, p. 175)

A maneira elucidativa do geógrafo, a reflexão entre natureza e sujeitos depende de uma relação existencial, fenomenológica - uma experiência derivada basicamente da

sensibilidade corporal humana e de elementos psicológicos e axiomáticos-, e até poética, pois “a realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica” (DARDEL, 2015, p. 34). Este encontro entre indivíduo e lugar está sujeito a interpretações e variações, são experiências refletidas na linguagem, nos textos poéticos, em imagem e figuras que representem o resultado da vivência do ser no mundo. Para Dardel, o vínculo entre pessoa e espaço material não se dá submetidos a delimitações, barreiras conceituais utilitaristas ou empíricas, designadas pela própria precariedade humana de conhecer e de determinar o mundo que percebe. A conexão se estende, desdobra-se em experiências cotidianas, envolvendo aspectos individuais tais como a sensibilidade, consciência e interpretação; ou coletivos como memórias sociais, tradições e o direito. Dessa forma “esse espaço material não é, de forma alguma uma ‘coisa’ indiferente, fechado sobre ele mesmo, que se dispõe ou que se pode descartar. É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça à liberdade humana” (DARDEL, 2015, p. 8). Portanto, espaço geográfico não é exclusivamente um sujeito passivo na existência humana, é participante do mundo, da experiência que os sujeitos tem com ele, constante em uma proposta filosófica fenomenológica com o espaço “[...] que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2015, p. 33). Não há isolamento ou distância para entender a conexão entre os elementos (pessoa e lugar), a elaboração e percepção espacial devem conter-se na condição fenomenológica, logo:

A realidade geográfica age sobre um homem através de um alerta da consciência. Às vezes mesmo, ela opera como um renascimento, como se antes mesmo de nós tomarmos consciência, ela ‘já estivesse lá’ [...] o espaço ilimitado se torna um símbolo da extensão, da libertação da existência, para um retorno a uma liberdade em certa medida anterior e original. (DARDEL, 2015, p. 36-37)

Ambiente e sentidos humanos encontram-se interligados dentro da concepção fenomenológica, e dessa conjunção encarnada no mundo surge a paisagem, um objeto da geografia humanista que trabalha essa percepção de seres humanos com o espaço que convivem. “A paisagem surge da interseção entre sociedade e o meio em que vive e construiu, sendo a representação da própria cultura social e, portanto, mutante como ela” (CUSTÓDIO; RIBEIRO, 2019, p. 90). O espaço da paisagem baseia-se ontologicamente na realidade, na conjunção de elementos físicos e culturais, assim, na experiência com a paisagem, encontra-

se as qualidades geomorfológicas relevantes culturalmente para os indivíduos, impregnando o espaço material de interpretações, valores e percepções, dando significado a esse entorno.

Assim, as paisagens são o resultado de diferentes fatores que contribuem para o desenvolvimento de nossos territórios. Eles são, de certo modo, a síntese e o resultado. Eles oferecem uma oportunidade para apreciar, de forma transversal e sistêmica, todos os aspectos de um território e as ações que o moldaram e moldam novamente. (RAYMOND *et al.*, 2015, p. 6, tradução nossa)<sup>2</sup>

Para Dardel, a paisagem é ainda mais profunda, um fenômeno dinâmico e vivo:

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refrataria a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar. [...] a paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre a possibilidade ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso. (DARDEL, 2015, p. 31)

Encontra-se nesse raciocínio que a paisagem dardeliana, manifesta-se para além da realidade empírica, mas não se comporta como uma projeção metafísica, fora do campo fático e com compreensões e conceitos absolutos e pré-existentes. O espaço da paisagem é construído dentro de uma dinâmica de vivência que os seres humanos possuem e guardam, com o entorno, a cotidianidade da permanência do espaço e a presença humana, retiram a qualidade puramente objetificada do lugar (para uso do sujeito). Para Dardel existe uma troca entre a manifestação psíquica e sensorial dos sujeitos com a materialidade do mundo, retratada na fenomenologia da paisagem, que dá sentido e expressão ao mundo, aproximando o espaço aparentemente distante para o campo da linguagem humana.

Há um afastamento de Dardel com a geografia clássica, sobretudo, de autores como Alexander von Humboldt (1769-1859) com fortes influências empirista, racionalista e utilitarista da paisagem (VITTE; SILVEIRA, 2010); e Friedrich Ratzel (1844-1904) expoente da geografia positivista “[...] por utilizar o conceito de paisagem em uma forma

---

<sup>2</sup> No original: Ainsi, les paysages résultent de différents facteurs qui contribuent au développement de nos territoires. Ils en sont, en quelque sorte, la synthèse et le résultat. Ils offrent une opportunité d’apprécier, de manière transversale et systémique, l’ensemble des aspects d’un territoire et des actions qui l’ont façonné et le façonnent encore.

antropogênica, demonstrando que ela é o resultado do distanciamento do espírito humano do seu meio natural” (CUSTÓDIO, 2014, p. 43). A crítica ao modelo racional e cientificista da geografia se dá porque ela não concebe a subjetividade humana, e não lida com aspectos sensíveis, cognitivos e sociais com os quais Dardel toma como necessário para a compreensão e formação da paisagem. A sensibilidade para compreender a paisagem da qual é alusiva na obra do geógrafo é percebida como condição para uma sociedade paisagística, algumas dessas encontram-se na existência de palavras que designam ou referenciam o que seja o espaço da paisagem, produções literárias escritas e orais que descrevam a paisagem, manifestações pictóricas (CUSTÓDIO, 2014). Esses indicativos são percebidos quando Dardel, retoma lugares que figuram a paisagem de forma poética, traços de uma herança heideggeriana que identifica importância a essa forma de representação e de linguagem, pois é nela que o Ser se manifesta, logo, e nessa narrativa que a relação entre indivíduo e espaço se concretizam e se compõem. A descrição poética é a forma com a qual Dardel, tem para provocar a sensibilidade a percepção ou a fenomenologia com a paisagem, rompendo com uma geografia geométrica e determinista. Ao descrever os espaços como poesia, desparta-se no interlocutor uma abertura para a experiência, mesmo que a presença seja ausente e fugaz ou telúrica do que está sendo relatado:

A cidade não é somente um panorama abarcado com um só golpe de vista: Paris ‘vista’ de Montmartre, Lyon do alto de Fourvières [...] ‘Nas turfeiras, as poças de água parada perdidas entre os brejos,’ escreveu Demangeon, evocando a planície da Ângila Oriental, ‘os canais caprichosos bordejados por salgueiros, os pântanos solitários visitados no inverno por aves aquáticas, tudo dando a impressão de uma natureza abandonada[...]’. (DARDEL, 2015, p. 28, 30)

O uso desse recurso literário mesmo para um texto acadêmico, revela ao leitor a possibilidade de imaginar esses lugares, de vivenciarem tais paisagem. “A paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma a forma de ausência [...] um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circunspecta e atarefada” (DARDEL, 2015, p. 32). O estudo da paisagem, não deve ser descolado do Ser, pois é na própria permanência e cotidianidade dele que se encontra rastros, memórias capazes de dar significância ao espaço.

Em suma, a geografia desvela a própria possibilidade de ser-no-mundo. Ela desvela as possibilidades desse ser enquanto geograficidades: experimentações diversas que possuem o mesmo solo pátrio: a terra. De

modo que o geógrafo não busca objetivar os fenômenos terrestres e circunscrevê-los por meios representacionais, mas entendê-los desde o seu instante emergente e assim reconhecer a sua verdade. Dardel pergunta-se pela constituição epistemológica do conhecimento geográfico no contexto de um questionamento ontológico sobre a essência da geografia [...] A Geografia deve trazer à compreensão a cumplicidade vivida entre homem e terra, ou a compreensão da intimidade do e com o terrestre. Para tanto é necessário que aquilo que denominamos de terra seja revista, para que a compreensão não se limite a uma morfologia, um embasamento material. (DAL GALLO; MARANDOLA JUNIOR, 2015, p. 185)

Na geografia humanística de Dardel a paisagem não pode submeter-se à exclusiva compreensão do espaço material, pois é tomá-la como um lugar deslocado da vivência humana, e não como a manifestação do Ser no mundo de cotidianidade e experiência. É não perceber a presença corpórea, a sensibilidade, o modo transformador dos seres humanos de habitar, construir, cultivar, preservar, desconstruir o espaço. A consciência dardeliana traz para a ciência a projeção subjetiva e não somente da descrição do empírico. “O homem se vê separado do ambiente pouco a pouco e adquire consciência de sua própria pessoa. Ele começa a atribuir-se uma residência no espaço, medir a duração de sua vida, tomar posse de seu corpo” (DARDEL, 1954, p. 45)<sup>3</sup>. A fenomenologia da paisagem em Dardel é a conjunção da fenomenologia, da percepção, da subjetividade humana com a morfologia espacial que permitiu uma revisão do que se constitui a paisagem e da relação com as pessoas.

### **O ESTUDO DA PAISAGEM EM DARDEL: herdeiro fenomenológico de Heidegger e Merleau-Ponty**

A geografia humanista de Dardel, estava à frente do seu tempo, mas as bases para a estruturação da sua tese estão contidas em autores de sua época. Martin Heidegger, e Maurice Merleau-Ponty, estão presentes no encadeamento da obra dardeliana, pois são filósofos que se preocuparam em entender a função espacial para a percepção dos fenômenos com o Ser. Dardel herdaria a inquietude desses filósofos em relação ao espaço e a manifestação do Ser enquanto uma experiência viva que se encontra no mundo. Por isso compreender o que se designa como fenomenologia é identificar os fundamentos do

---

<sup>3</sup> No original: “Man finds himself cut off from his environment little by little and acquires awareness of his own person. He begins to allot himself a residence in space, to measure the duration of his life, to take possession of his body”.

pensamento dardeliano com a paisagem. Fenomenologia qualifica-se como a escola filosófica dos estudos dos fenômenos, do que se apresenta para a consciência, que é dado ao Ser e por ele explorado. “A própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno” (SILVA; LOPES; DINIZ, 2008, p. 255). A fenomenologia por meio da sensibilidade corpórea e cognitiva objetiva dar sentido à coisa, à experiência do Ser com o mundo, desvelando o que de forma mais pura se compreender desse objeto, do que seja aquilo experimentado no encontro. A filosofia fenomenológica instaura-se como método, o modo como o ser humano investiga os objetos e o espaço presentes no mundo. Dessa forma, Heidegger e Merleau-Ponty, distinguem suas concepções sobre o estudo dos fenômenos em suas noções filosóficas no espaço, para o primeiro:

A expressão grega φαινόμενον [*phainómenon*], a que remonta o termo “fenômeno”, deriva do verbo φαίνεσθαι [*phainesthai*]. Φαίνεσθαι significa: mostrar-se e, por isso, φαίνεσθαι diz o que se mostra, o que se revela [...] a luz, claridade isto é, o elemento, o meio, em que alguma coisa pode vir a se revelar e a se tornar visível em si mesma. Deve-se *manter*, portanto, como significado da expressão “fenômeno” o que se revela, o que se mostra em si mesmo. (HEIDEGGER, 2015, p. 67)

Para o segundo autor, em igual expressão:

[...] a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma ‘ciência exata’, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vivos’. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer [...]. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1-2)

A importância do espaço se dá, porque é nele que o Ser se manifesta e tem sua experiência. O fenômeno para ocorrer depende do espaço material para se desvelar. Contudo, “o homem nunca é posto num espaço, como se estivesse sendo ordenado pela lógica espacial. Na verdade, o homem está ‘em algum lugar’ porque o sente, o habita, o quer”

(COUTINHO, 2012, p. 192). O ser humano só toma consciência espacial ou com ele se preocupa se há sensibilidade, quando se percebe onde se está, é que o lugar adquire significado. É, portanto, o período em que o indivíduo, transcrever/descreve para si a sua relação e percepção de outro (sujeito/espço), sob o uso da linguagem, forma com a qual há a comunicação, a tradução da experiência perceptível ou não à condição humana. Portanto, dentro da filosofia de Heidegger e Merleau-Ponty pode-se verificar que:

A fenomenologia da paisagem deve revelar o invisível espacial presente no “visível” de cada paisagem, de cada aparição, enquanto “essência”, construindo uma tipologia baseada em sistemas materiais e sistemas de valores. A essência das paisagens como “aparições” está, portanto, no espaço, no todo espacial como real-abstrato, porque em cada paisagem há uma relação com uma realidade espacial potencial, em perpétua mudança. (SERPA, 2013, p. 171)

Isso se deve porque na visão heideggeriana “o espaço só pode ser concebido recorrendo-se ao mundo. Não se tem acesso ao espaço, de modo exclusivo ou primordial [...]” (HEIDEGGER, 2015, p. 168). Não há uma predefinição ou um conceito posto no mundo, há, no entanto, elementos materiais e imateriais no mundo que em contato com o Ser, produz significado. A paisagem se estrutura dessa forma, pois é formada por diversos elementos que não lançam conexão ou significa, mas em contato com o sujeito ganha sentido e significância. Logo, “[...] a espacialidade só pode ser descoberta a partir do mundo e isso de tal maneira que o próprio espaço se mostra também um constitutivo do mundo, de acordo com a espacialidade essencial da presença [...]” (HEIDEGGER, 2015, p. 168). De mesma forma, a paisagem só verifica a partir dos elementos que o espaço geográfico insere, por sua vez, quando a paisagem está personificada ela começa a emitir sentido ao sujeito observador, estabelecendo a experiência e a vivência no mundo para o Ser. Merleau-Ponty, por sua vez, ao trabalhar a proposição de espacialidade aborda a percepção não trabalhada por Heidegger:

Seria contraditório dizer que o tato é sem espacialidade, e é a priori impossível tocar sem tocar no espaço, já que nossa experiência é a experiência de um mundo. Mas esta inserção da perspectiva tátil em um ser universal não exprime nenhuma necessidade exterior ao tato, ela se produz espontaneamente na própria experiência tátil, segundo seu modo próprio. A sensação, tal como a experiência a entrega a nós, não é mais uma matéria indiferente e um momento abstrato, mas uma de nossas superfícies de contato com o ser, uma estrutura de consciência, e, em lugar de um espaço único, condição universal de todas as qualidades, nós temos com cada uma

delas uma maneira particular de ser no espaço e, de alguma maneira, de fazer espaço. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 299)

Em ambos os autores, há a necessidade de contato com o espaço material para se compuser a relação com ele e posteriormente formatar a ideia de paisagem. A cotidianidade, o hábito ou vivência com o mundo sensível é o construtor do espaço da paisagem, pois se misturará a toda subjetividade humana individual ou coletiva. “No âmbito da sua visão cotidiana e de sua movimentação diária habitual, o homem exprime sua relação geográfica com o mundo a partir do ordenamento do solo” (DARDEL, 2015, p. 31). Dentro da afirmação de que “o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 328), têm que para Dardel a geograficidade ou a paisagem ocupam uma postura de abertura para um melhor comportamento do Ser com o mundo. É, talvez, a formulação geográfica ou paisagística das teorias fenomenológicas de Heidegger e Merleau-Ponty, pois como se observa:

A geografia vivida em ato (a geograficidade) é a própria abertura de um horizonte compreensivo: o mundo. É isso que Dardel quer dizer quando afirma que a terra não se dá como dado bruto, sendo algo “interpretado pelo homem”, um esclarecimento a partir da qual a consciência geográfica se desenvolve e dá origem a uma estrutura ou um horizonte de mundo. Essa estrutura é algo que carece de cuidado e vigília todo o tempo, tendo traços de fragilidade, na medida em que ela não é uma propriedade dada, mas é uma ação, uma intenção e um movimento. Ela é a geografia em ato onde o embate terra-mundo é travado interruptamente. Vencer a clausura da terra é um ato existencial. (DAL GALLO; MARANDOLA JUNIOR, 2015, p. 194)

Dardel, quer romper com uma tradição que tomou o espaço, a geografia e a paisagem como objetos de significados utilitários, ao serviço do ser humano. Dardel entende que o espaço produz muito mais do que um lugar para o sujeito se fixar e estabelecer relações com outros indivíduos, o espaço, o lugar, a paisagem, produzem em conjunto com os seres sentidos, significado, identidade, reconhecimento e pertencimento. A paisagem é um instrumento capaz de modificar a experiência humana, é intersubjetiva, por não é exclusiva de uma pessoa e nem exclusiva de um pensamento científico.

Dardel chama atenção que trazer à luz não pode ser confundido com aquilo que o iluminismo pregava. Não se trata se recorrer a um excesso de racionalismo e objetividade para chegar a uma verdade sobre a terra. Ele alerta sobre o equívoco de pensar que a objetividade traria uma verdade absoluta. Para ele, uma visão puramente científica da terra traz o perigo de

perda ou esquecimento daquilo que é mais essencial e fundamental. O cientificismo a vê apenas como matéria-prima, fonte e recurso. Neste sentido, a relação entre o homem e a terra deixaria de ser compreendida e o homem se perderia na insensatez da dominação, aniquilação e destruição justificados e legitimados cientificamente. (DAL GALLO; MARANDOLA JUNIOR, 2015, p. 194)

Dardel ao se debruçar sobre esses pensadores não se quer retirar da paisagem e do espaço a compreensão científica, mas quer agregar a ela outros elementos que a ciência abandonou ao longo do tempo. Quis o geógrafo evidenciar que a composição da realidade do espaço da paisagem depende também de fatores além do cientificismo, as emoções, a psiquê humana, a cultura também interferem na relação espacial. Dardel partindo da sua proposta fenomenológica da paisagem abre caminho para novas concepções e pensadores sobre a paisagem, que irão se interessar pelo comportamento da fenomenologia heideggeriana e pontyana na paisagem, trazendo novas matizes para a geografia humanística.

## **OS DESDOBRAMENTOS DA OBRA DARDELIANA PARA OS ESTUDOS DA PAISAGEM**

A propostas dardeliana de uma geografia humanista, sobretudo, no estabelecimento da paisagem, promoveu uma mudança no comportamento científico da geografia, a introdução de uma proposta de integrada com a subjetividade humana, elementos culturais e sociais, permitem a releitura do espaço da paisagem e como ela se relaciona com o coletivo. A nova perspectiva da paisagem fenomenológica foi retomada por autores como, Simon Schama (1945), David Lowenthal (1923-2018), Edward Relph (1944) e Yi-Fu Tuan (1930), estudiosos da geografia humanística na década de 1970, portanto, também tomados na filosofia fenomenológica de Heidegger e Merleau-Ponty sendo os dois últimos autores quem mais interferências tiveram da ideias dardelianas (HOLZER, 2010; MARANDOLA JUNIOR, 2015). Dardel não influencia somente outros geógrafos, sua obra ao ser retomada demonstra abertura para novas compreensões da paisagem, conceitos da filosofia e da sociologia como a alteridade, a diferença, a memória, são inseridas dentro da percepção da geografia humanística, que logo vem a ser posta nos estudos sobre a paisagem, para melhor apreensão da interação humana e os desdobramentos dela advindos.

Outra via que fortalecia essa tendência vinha dos estudos perceptivos, da preocupação com a consciência e a percepção do espaço ou ambiente, numa aproximação com os estudos urbanos e ambientais que procuravam formas de inserir a perspectiva do sujeito nos processos de planejamento e preferências ambientais, na linha dos estudos sobre a percepção da imagem urbana inaugurados por Kevin Lynch. (MARANDOLA JUNIOR, 2013, p. 51)

Dentre as novas abordagens para a concepção teórica da paisagem, a ótica da alteridade é uma composição de estudo recente. Dardel recebe inferências das obras Emanuel Levinas, que estrutura uma forma de relação entre os seres humanos para a convivência por meio da alteridade. “A alteridade pode ser vista e vivida como condição prévia, como anterioridade existente que está à minha frente e que me obriga a responder a ela em termos de conduta e posições perante o mundo” (AGUIAR, 2006, p. 15). O significado dessa palavra dentro da proposição levinasiana é a dimensão que desenvolve a responsabilidade a sensibilidade, uma ética de cuidado com o outros (LEVINAS, 2015). A existência dessa proteção com o outro vincula-se a espacialidade para ser assimilada:

[...] a Terra é experimentada como *base*. Não somente ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda “posição” da existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer (*de reposer et de reposer*). O sono, declarou Emmanuel Lévinas, ao dissolver nossas relações usuais com as coisas particulares, nos convida a nos concentrarmos sobre essa base, nos coloca imediatamente em relação “com o lugar como suporte do Ser”. “Ao nos deitarmos, ao nos encolhermos em um canto para dormir, nos abandonamos ao lugar – ele se torna nosso refúgio como base”. (DARDEL, 2015, p. 40)

A alteridade então se constitui no espaço, por outro lado, também autoriza que o espaço da paisagem seja a percepção de alteridade, experimenta-se igualmente a relação entre sujeito e espaço ou indivíduo e paisagem. Tomar a paisagem como *locus* para a concepção da alteridade humana e de alteridade paisagística, deriva do próprio engajamento interpretativo que se tem dessa perspectiva fenomenológica, porque, “não há, pois, lugar para um Existir que prescindia de sua subjetividade absoluta, isto é, que se distancie de sua ‘materialidade viva, de sua própria imanência, da vida da sensibilidade que antecede todo pensamento e toda reflexividade’” (HENRY, 2003 *apud* RIBEIRO JUNIOR, 2015, p. 543-544). De mesmo modo, essa interpretação é encontrada no texto de Dardel quando inaugura o termo *geograficidade*. A palavra possuindo o mesmo sufixo da alteridade remete, sob uma visão heideggeriana, a uma poética/rima intencional. Resgata o geógrafo a constituição

narrativa ocasionada entre sujeito e espaço da paisagem, logo, a escolha do termo não é sem razão: “Ele significa a inserção do elemento terrestre entre as dimensões fundamentais da existência humana, como a noção de ‘historicidade’ implica na consciência que o ser humano tem de sua situação irremediavelmente temporal” (BESSE, 2015, p. 120). A paisagem, constitui-se como o espaço hábil para a alteridade, contribuindo para o fomento da responsabilidade entre os indivíduos, mas também, apresenta-se como lugar que emana o mesmo cuidado, a mesma alteridade de existir na humanidade. Assim, como conclusão, na geografia humanística, a alteridade a paisagem tem-se que:

O lugar é compreendido como espacialidade ontológica necessária à irrupção e refúgio do sujeito. A ausência do lugar indica o *há* (*il y a*, em francês), conceito também proposto por Levinas para se referir ao ser em geral como verbalidade impessoal que oprime e submerge o que se denomina de eu. O *há* impõe a necessidade de arrancamento do ser, ou seja, de saída da condição de impessoalidade. Esta saída só é possível por meio do lugar, por isso ele é condição fundante do sujeito. (LIMA, 2018, p. 152).

Um segundo movimento dentro do estudo humanístico da paisagem é a memória. A definição filosófica de memória é: “possibilidade de dispor dos conhecimentos passados [...] os conhecimentos que, de qualquer modo, já estiveram disponíveis” (ABBAGNANO 2000, p. 657). A memória na construção fenomenológica é a capacidade de retomar objetos que ficaram no passado, mas que foram percebidos na experiência de um tempo presente não mais atuante. Assim, “[...] lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la “fazer” alguma coisa. O verbo ‘lembrar-se’ faz par com o substantivo ‘lembança’. O que esse verbo designa é o fato e que a memória é ‘exercitada” (RICOEUR, 2007, p. 71). A memória é uma relação dinâmica, os acessos a essas lembranças dependem de fatores emocionais psíquicos, externos, sociais, como gatilhos para o reavivamento do que estava guardado. “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações susceptível” (NORA, 1993, p. 9), de igual forma, lembrar ou esquecer da paisagem depende experiência mnemônica, pois ela é derivada das aceções sociais e das experiências pessoais. A paisagem é construída a partir do recolhimento, do arquivamento e da rememoração do que foi detido pelo sujeito, uma memória espacial e ambiental que,

como se explica a seguir, permite a assimilação e entendimento desse mundo externo ao indivíduo:

[...] temos a espacialidade corporal e ambiental inerente à evocação da lembrança. Para explicá-la, opusemos a mundaneidade da memória ao seu polo de reflexividade. As lembranças de ter morado em tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas: nessas lembranças tipos, o espaço corporal é de imediato vinculado ao espaço do ambiente, fragmento da terra habitável, com suas trilhas mais ou menos praticáveis, seus obstáculos variadamente transponíveis. (RICOEUR, 2007, p. 157)

Assim sendo, a paisagem é submetida a dinâmica mnemônica porque há influência culturais, sociais e individuais no modo de se perceber e guardar o espaço da paisagem, cada pessoa apreende o entorno, utilizando instrumentos da sua cognição, construindo uma relação paisagem-memória que se manifesta em recortes territoriais (COSTA, 2003), o que altera o resultado do cenário paisagístico em cada indivíduo:

A relação entre paisagem e memória está assentada na geografia da percepção, na existência de um conjunto de signos que estruturam a paisagem segundo o próprio sujeito e refletindo uma composição mental resultante de uma seleção plena de subjetividade a partir da informação emitida por seu entorno [...] Estes símbolos trazem o sentido que o indivíduo ou um grupo os percebem e são reconhecidos por uma particularidade: são as realidades concretas, os objetos ou os atos físicos, portanto a existência factual e relativamente independente das significações que lhe damos. Constituem-se portanto, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, portanto de integração social. (COSTA, 2003, p. 4)

A memória dentro dessa concepção fenomenológica é um fundamento constitutivo da paisagem é alicerce imaterial, porque a sua formação depende da captação e da compreensão do espaço material, para que se busque os elementos formadores da paisagem. Dessa maneira, “a cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes” (DARDEL, 2015, p. 34), a realidade espacial é contida numa irrealidade da memória. A rememoração dada sua importância e sua forma de manifestação nos indivíduos e na sociedade, suscita à paisagem sentimentos de reconhecimento e pertencimento, permitindo integração de uma paisagem social em razão da similitude experimental ou fenomenológica de memória e paisagem. Outra temática

inserida atualmente nas discussões da geografia humanística, e que se relaciona coma paisagem é o estudo de uma filosofia da diferença. Pensar a diferença é “[...] compreender a diferença e compreende a si mesma na alteridade da Ideia, na heterogeneidade de uma ‘apresentação’” (DELEUZE, 2018, p. 44). A filosofia da diferença debruça-se sobre as questões diversas em que o Ser se manifesta e se relaciona com o mundo, negando formas de universalismos ou conceitos absolutos que tomem o ser humano ou a coletividade em um significado homogêneo, idêntico e semelhante para todos. Assim,

Segundo Heidegger, o que dá início ao pensamento metafísico é justamente o esquecimento da diferença “ente-ser”. A metafísica apreende a diferença entre o ente e o ser à medida que interpreta o ser como o aspecto do ente tomado na sua representação. Entretanto, essa diferença não é uma diferença, visto que o ser apreendido desse modo se torna simples abstração de seus traços essenciais, ou seja, o ser assim interpretado não deixa de ser o próprio ente enfocado em certa perspectiva. É nesse sentido que se direciona a crítica de Heidegger, pois a metafísica tende a representar o próprio ser como um ente e em alguns momentos ainda o toma como um ente supremo. (FERRONATTO, 2010, p. 85).

A universalização ontológica, derogou a humanidade algumas consequências negativas, como a subjugação de todo indivíduo ao mesmo modelo societário, jurídico e político; a concepção de um modelo totalizante e exclusivo de mundo; e o extermínio de concepções diferentes ou que levem a uma diferença ao já instituído. A força com a qual absolutização toma o controle da dinâmica humana reverbera no espaço (paisagem), intuído como um diferente, porque o espaço é entendido como coisa e não o Ser, portanto, é dominado para o uso excluído e afastado para qualquer integração ontológica. Contudo, o que se verifica é que a constituição do espaço da paisagem se dá sob camadas da diferença, é sob os diferentes olhares sobre o mesmo espaço material, que há a formação da paisagem, as diversas e variadas experiências fenomenológicas produzem sentidos e significâncias de ordens diferentes não uníssonas. Como se propõe:

O aspecto fenomenológico da paisagem reside, então, nos diferentes – e infinitos – modos do sujeito olhar, interpretar e transformar o espaço geográfico. Dito de outra forma se compreende que essa leitura da paisagem é uma construção contínua social e ao mesmo tempo particular, onde se sobrepõem a identidade, os conhecimentos, a memória e os sentimentos de cada pessoa, associados ao processo cultural que remete à organização coletiva em que estamos inseridos, com toda sua carga simbólica. (VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016, p. 3)

A paisagem apesar de resultar de uma confluência de percepções, não deve ser compreendida para ser totalizante, pois tal postura renuncia o poder interpretativo humano, a capacidade de construir e reconstruir conceitos e significados no mundo, além das próprias condições diferentes que o espaço contém, “a interação espacial (as conexões ou relações causais determinadas pelo movimento territorial de fenômenos, como a água, o ar, os fragmentos de resíduos sólidos, e os animais entre as áreas) se junta à variação” (MOREIRA, 1999, p. 47). A paisagem não terá único significado, haverá sempre a inúmeras possibilidades de enfoques, político, social, jurídico ou científico, pois estão ligada a interesses materiais variáveis, disputas de poder, e controle desse espaço.

A paisagem “[...] não designa uma concepção indiferente ou isolada, ela só trata do que me importa ou do que me interessa [...] depende da preocupação e do interesse dominantes que nos levam ao encontro dos existentes particulares” (DARDEL, 2015, p. 33:35). O advento da filosofia da diferença deve permitir “[...] dupla direção do olhar: da identidade para a diferença, da diferença para a identidade. De reatar a dialética das significações múltiplas, do significado que também é significante, da identidade que também é diferença [...]” (MOREIRA, 1999, p. 55). Em mesmo sentido dialético, deve-se compreender a paisagem, mesmo aquela que não aparenta ser paisagem, pois a definição do que seja, não é ou deixa de ser depende invariavelmente do encontro fenomenológico, vivência humana. O que as três teorias representam é uma retomada da importância da paisagem na estrutura da vida humana, na ciência geográfica há absorção dos elementos cognitivos e psicológicos humanos para compreender o espaço. É tentar entender e administrar as relações humanas sob aspectos que envolvem uma difusão de outros conhecimentos e de ciências não antes inseridas no desenvolvimento do comportamento da paisagem e sua dinâmica social. A obra de Dardel é fonte para novas aberturas ou reaberturas, pois estrutura as bases para esses diálogos ou mis que possam ser adicionados e que aceitem e assimilem a compreensão fenomenológica do espaço da paisagem e da geografia humana por ele trabalhado e herdado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A introdução do pensamento do geógrafo Eric Dardel para a propositura de conceito ou significado da paisagem se mostra profícuo. Apesar de não ter uma extensa obra no

assunto e de não ter tido o reconhecimento devido a sua época, Dardel deixou um legado para o futuro. A geografia, sobretudo, no estudo humanista foi direta e indiretamente influenciada pela tese geográfica do autor estudado, mais do que isso, quem o influenciou também reverbera nas pesquisas da ciência geográfica. Dardel foi tomado pela filosofia fenomenológica, de Heidegger e Merleau-Ponty, ambos teóricos da experiência fenomenológica, em seu pensamento. O estudo do espaço, da espacialidade, de como o Ser se comunica e se inter-relaciona com esse mundo, está proposto no pensamento desses dois filósofos. Eles demonstram a necessidade do sujeito não somente se utilizar e dispor desse lugar, mas de inseri-lo no seu cotidiano, na vivência, na experiência humana da vida, o ambiente externo não está desvinculado dos indivíduos, faz parte da percepção deles.

Da filosofia fenomenológica de Heidegger, o aprofundamento da ontologia do Ser, como se manifesta e se apresenta no mundo, serve como bases ao pensamento dardeliano, o Ser-ai heideggeriano se relaciona e se comunica com o espaço para produção de sentido e cotidiana experiência. Da obra pontyliana a percepção do espaço é o que está presente na obra do geógrafo, como os sentidos contribuem para estabelecer e propor e produzir os fenômenos no espaço, e como o espaço e as significâncias por ele produzidas são essenciais para os indivíduos e inclusive para o coletivo. Dardel produz então o que ele classifica como *geograficidade* a partir dessa filosofia fenomenológica, coloca para a Geografia a percepção, a experiência, a subjetividade do Ser às coisas. É uma forma de crítica ao cientificismo iluminista que ainda produzia efeitos, o autor entendia que esses outros elementos eram essenciais para a formatação espacial geográfica, assim como, os elementos materiais ali presentes no lugar. Elementos como a psiquê, a sociedade, as experiências de mundo do Ser, a cultura, a religião, podem interferir na interpretação de cada pessoa sobre o espaço.

Tal análise difunde-se para um objeto de estudo geográfico, a paisagem, Dardel já adiantava em suas pesquisas que conformação da paisagem, não era somente pela presença harmônica dos elementos no espaço, é uma escolha política, existencial, social, jurídica. É a aposta que de que para escolher algum lugar como paisagem, existem fenômenos anteriores que permitiam determina um lugar ou não como paisagem, o que permite considerar na tese dardeliana que qualquer espaço, desde que socialmente construído e experimentado pode ser espaço de significado ou paisagem. Mesmo tardiamente trabalhado a obra de Erick Dardel, impulsionou um movimento na geografia não antes produzido, houve a inserção e aprofundamento da filosofia fenomenológica, que estabeleceu novas áreas de pesquisa e

objetos de estudos. Nessa medida a paisagem, ganha novos contornos e definições, por autores como Edward Relph e Yi-Fu Tuan, que durante a década de 1970, se detiveram ao pensamento fenomenológico dardeliano, reestruturando o estudo do espaço da paisagem e sua dinâmica com o indivíduo e a sociedade, logo outros geógrafos, arquitetos ou estudiosos do espaço e da paisagem aderem a essa performance filosófica do espaço da paisagem.

Além de entusiasmar pensadores a examinarem a paisagem fenomenológica, novas abordagens a esses objetos foram buscados e correlacionados a ela categorias como a memória, a alteridade e a diferença, que são relações intersubjetivas, que não estão estruturadas somente no cientificismo, para compreender o mundo. Tais categorias desdobram e desvelam a produção de sentido do Ser com a paisagem, rememorando espaços esquecidos ou presente; dando a compressão de uma noção de responsabilidade e cuidado ou demonstrando que a sua produção se dá sob a diversidade de significados e interpretações. Dardel é, portanto, um geógrafo que deve ser estudado, sua compreensão de mundo, de paisagem atual, compõem as questões sociais, políticas e jurídicas para construir e elaborar o espaço e a paisagem. Juntamente com a fenomenologia, Dardel estrutura aberturas de significância e interdisciplinaridade capazes de pensar da melhor forma possível a paisagem, tanto na sociedade quanto para os indivíduos.

## REFERÊNCIAS

**ABBAGNANO**, Nicola. Dicionário de filosofia. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

**AGUIAR**, Roberto A. R. de. Alteridade e rede no direito. Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, fev. 2011. ISSN 21798699. Disponível em: <http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/71/54>. Acesso em: 8 jan. 2019.

**BESSE**, Jean-Marc. **GEOGRAFIA E EXISTÊNCIA**: a partir da obra de Éric Dardel. In: DARDEL, Éric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 111-140.

**COSTA**, O. **MEMÓRIA E PAISAGEM**: em busca do simbólico dos lugares. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, out. 2013. Disponível em: [http://www.e-publicacoes\\_teste.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6143/4415](http://www.e-publicacoes_teste.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6143/4415). Acesso em: 27 jun. 2017.

**COUTINHO**, Bernard Teixeira. Um estudo sobre a ontologia do espaço na obra de Martin Heidegger. GeoTextos, v. 8, n. 1, p. 189-206, jan. 2012.

**CUSTÓDIO**, Maraluce M. **INTRODUÇÃO AO DIREITO DE PAISAGEM**: contribuições ao seu reconhecimento como ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.

\_\_\_\_\_ ; **JUNQUEIRA**, José Cláudio Ribeiro. Paisagem minerária como elemento de construção do sentimento de pertencimento ao estado de Minas Gerais. Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, Belo Horizonte, v. 16, n. 35, p. 87-121, out. 2019. ISSN 21798699. Disponível em: <http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/1613/24786>. Acesso em: 01 nov. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.18623/rvd.v16i35.1613>.

**DAL GALLO**, Priscila M.; **MARANDOLA JR.**, Eduardo. **O PENSAMENTO HEIDEGGERIANO NA OBRA DE ÉRIC DARDEL**: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, v.11, n.16, p.173-200, 2015.

**DARDEL**, Éric. **O HOMEM E A TERRA**: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. **THE MYTHIC**: According to the Ethnological Work of Maurice Leenhardt. Diogenes, vol. 2, no. 7, June 1954, pp. 33-51, doi:[10.1177/039219215400200703](https://doi.org/10.1177/039219215400200703).

**DELEUZE**, Gilles. Diferença e repetição. Editora Paz e Terra, 2018.

**FERRONATTO**, Mariza Ardem Scipioni Vial. A representação como limitação-crítica de Deleuze à noção de diferença ontológica em Heidegger. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 32, n. 1, p. 81-89, 2010.

**HEIDEGGER**, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2015.

**HENRY**, Michel. *De la Phénoménologie. Tome I. Phénoménologie de la vie*. Paris: PUF, 2003.

**HOLZER**, Werther. **A CONSTRUÇÃO DE UMA OUTRA ONTOLOGIA GEOGRÁFICA**: a contribuição de Heidegger. *Geografia*, v. 35, n. 2, p. 241-251, 2010.

\_\_\_\_\_. A Geografia Fenomenológica de Éric Dardel. In: **DARDEL**, Éric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, p. 141-154, 2015.

**LÉVINAS**, Emmanuel. **TOTALIDADE E INFINITO**: ensaio sobre a exterioridade. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2015.

**LIMA**, Jamille da Silva. Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar / Is Dardel levinasian? The sense of hypostasis and the irruption of the subject in place. *Geograficidade*, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 149-160, nov. 2018. ISSN 2238-0205. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13141>. Acesso em: 03 nov. 2019. doi: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2018.82.a13141>.

**MARANDOLA JUNIOR**, Eduardo. Prefácio à edição brasileira. In: **DARDEL**, Éric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. xi-xiv.

**MERLEAU-PONTY**, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

**MOREIRA**, Ruy. **A DIFERENÇA E A GEOGRAFIA**: o ardil da identidade e a representação da diferença na geografia. *GEographia*, v. 1, n. 1, p. 41-58, 1999.

**NORA**, Pierre. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA**: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 10, p. 7-28 1993.

**RAYMOND**, Richard et al. *Les Atlas de paysages. Méthode pour l'identification, la caractérisation et la qualification des paysages*. Ministère de l'Écologie, du Développement durable et de l'Énergie, 2015.

**RIBEIRO JUNIOR**, Nilo. **ELOGIO DO INACABADO**: da fenomenologia à filosofia da alteridade. *Sapere Aude*, v. 6, n. 12, p. 540-555, 3 jan. 2016.

**RICOEUR**, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

**SERPA**, Angelo. **PAISAGEM, LUGAR E REGIÃO**: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, n. 33, p. 168-185, 30 abr. 2013.

**SILVA**, Jovânia Marques de Oliveira e; **LOPES**, Regina Lúcia Mendonça; **DINIZ**, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 61, n. 2, p. 254-257, Apr. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672008000200018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000200018&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672008000200018>.

**VERDUM**, Roberto; **VIEIRA**, Lucimar de Fátima dos Santos; **PIMENTEL**, Maurício Ragagnin. As Múltiplas Abordagens para o Estudo da Paisagem. *Espaço Aberto*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 131-150, jun. 2016. ISSN 2237-3071. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

**VITTE**, Antonio Carlos; **SILVEIRA**, Roberison Wittgenstein Dias da. Considerações sobre os conceitos de natureza, espaço e morfologia em Alexander von Humboldt e a gênese da geografia física moderna. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, jul-set. 2010, p. 607-626.